

O desafio de amar (RENATO NUNES BITTENCOURT)



Segundo Bauman, nossa sociedade vive o fenômeno da "multidão solitária" em que as pessoas convivem lado a lado, mas dificilmente aprofundam contatos, o que torna cada vez mais raro o relacionamento genuíno entre dois indivíduos.

DESDE as suas origens gregas, a tradição filosófica jamais deixou de problematizar a questão do amor; tema de suma importância em nossa história intelectual. No Banquete de Platão, a experiência do amor se constitui como um processo de elevação do particular ao universal; do apego ao sensível ao processo de emancipação rumo ao plano abstrato-inteligível, em uma lenta gradação mediada pela contemplação do Belo. Inicialmente o amante é atraído pela beleza física do ser amado. No segundo passo, a consciência do amante se amplia e este passa a buscar o mesmo princípio de beleza em todos os seres humanos, buscando assim todas as formas belas: "Eros impele o desejo de um belo corpo a outro e, finalmente, para todos os belos corpos. Pois a beleza existente num determinado corpo é irmã da beleza que existe em outros. Seria grande demonstração de insensatez não considerar como uma única e mesma coisa a beleza que se encontra em todos os corpos"¹.

O terceiro passo consiste no amor pela beleza da alma, independente da forma física à qual ela está associada. O quarto passo consiste no amor pelas práticas belas, de modo que a alma ama os ofícios e as leis, essencialmente belos. Tal nível de amor conduz ao degrau número cinco, referente ao amor pelas instituições belas, regidas pela justiça. Trata-se do amor pelo governo, pela cultura e por todas as instituições promotoras da harmonia. Nesse quesito, o bem comum é o interesse primordial. Desse ponto, a alma ascende para o sexto degrau da escada do amor, em direção ao universal e ao abstrato do plano da episteme, ou seja: conhecimento puro e compreensão das essências; nessa etapa a alma é associada ao amor por meio do saber, caracterizando assim a própria atividade filosófica. No sétimo degrau encontramos a própria Ideia de Amor, pois a alma ama o Belo em si mesmo. Nessa categoria podemos estabelecer uma interpretação de cunho religioso, defendendo a hipótese de que se trata do amor ao Divino, caracterizando-se como uma vivência extática ².

A vivência do amor genuíno se enraíza através da afirmação da alteridade, capacidade de se compreender a interioridade do outro; o amor é, assim, uma experiência que preconiza a intersubjetividade, comunicando-se então os afetos de pessoa para pessoa. Para Erich Fromm (1900- 1980), "se eu amo o outro, sinto-me um só com ele, mas com ele como ele é, e não na medida em que preciso dele como objeto para meu uso"³. Contudo, no avanço da era moderna ocorre a fragmentação da experiência afetiva, mediada pelos signos do capital. Karl Marx (1818-1883) já enunciara as bases alienantes desse processo pelo conceito de "fetichismo da mercadoria"⁴. Projetamos nos objetos qualidades fantasmagóricas e estas interferem imediatamente nas relações sociais, interpondo-se entre os indivíduos. Os objetos adquirem como que vida própria e se tornam mais importantes do que a singularidade humana, plenamente subjugada pelo mecanismo social do dinheiro. As relações humanas, intermediadas por mercadorias, perdem sua substancialidade e se igualam ao nível das coisas. Conforme argumenta a socióloga Eva Illouz (1961), "na cultura do capitalismo afetivo, os afetos se tornaram entidades a ser analisadas, inspecionadas, discutidas, negociadas, quantificadas e mercantilizadas"⁵.

As pessoas se tornam coisas que podem ser adquiridas, consumidas e descartadas ao gosto do usuário, trocando-o por outro que aparentemente se demonstre como mais “interessante” no momento. Nessa dinâmica existencial, ninguém é considerado insubstituível e toda ideia de singularidade se torna um argumento vazio. Nesse processo de dissolução da dignidade humana, “a pessoa não se preocupa com sua vida e felicidade, mas em tornar-se vendável”⁶. As relações amorosas se tornam apenas um meio de obtenção imediata de prazer sexual, e de modo algum uma genuína interação interpessoal, pautada pelo respeito e pela afirmação do valor humano do outro. Esse processo de despersonalização do indivíduo, imerso no oceano da indiferença existencial, é a característica por excelência da ideia de “vida líquida” problematizada por Bauman; uma vida precária, em condições de incerteza constante: “A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das leiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo”⁷.

O “AMOR platônico” é associado pelo senso comum a uma experiência que não se concretiza; nada mais equivocado, pois a processão da alma rumo ao Belo é uma trajetória que se realiza a rigor, permitindo ao “amante” atingir a plenitude do Ser

Em tempos de capitalismo flexível, é inviável a manutenção na crença em relações afetivas duradouras. Em uma perspectiva ética orientada pelos princípios da alteridade, não se pressupõe que todas as relações interpessoais sejam duradouras do ponto de vista extensivo, mas sim que sejam intensas e afirmadoras das qualidades de ambas as pessoas envolvidas nesse processo. É inconveniente aos preceitos mercantis e seus inerentes mandamentos produtivistas que o indivíduo sofra continuamente pelas dores de amor, pois isso gera riscos de diminuição da capacidade de dedicação humana ao labor cotidiano. Todavia, ao menos nesse ponto, o comercialismo capitalista conseguiu burlar esse transtorno ao criar uma miríade de medicamentos que atenuam o mal-estar existencial decorrente da ausência do ser amado ao nosso lado.



Quando atingidas pelas flechas atiradas por Eros, o deus do amor, as pessoas se apaixonam perdidamente. A obra Jovem defendendo-se de Eros de Bouguereau (1825-1905) retrata uma jovem tentando se defender do amor, comportamento bastante comum em nossa sociedade



O consumo está tão enraizado em nossa sociedade que as pessoas estão se consumindo como se fossem mercadorias. A “coisificação” do ser humano e o anseio pela novidade é o motor propulsor da sociedade de consumo e das relações interpessoais

As histórias clássicas de amor demonstram sua superficialidade ao transmitir a ideia do “viveram felizes para sempre”, como se a efetivação matrimonial da relação amorosa culminasse na supressão de todas as adversidades existenciais; talvez seja justamente a partir desse momento que todos os percalços surjam, pois a convivência cotidiana com o outro é a prova maior de sua suportabilidade e condição indispensável para que possamos desenvolver uma genuína experiência ética. Ao abordar essa questão, o psiquiatra espanhol Enrique Rojas (1949) afirma que: “O amor humano é um sentimento de aprovação e afirmação do outro, e por isso nossa vida tem um novo sentido de busca e desejo de estar ao lado da outra pessoa”⁸.

O AMOR AUTÊNTICO NÃO PODE SE FUNDAMENTAR APENAS EM UM CONTRATO, MAS SIM EM UMA PODEROSA CELEBRAÇÃO REGIDA PELA ESPONTANEIDADE E PELA ALEGRIA

O amor autêntico por uma pessoa não pode se fundamentar apenas em um contrato moral-jurídico-religioso, mas sim em uma poderosa celebração regida pela espontaneidade e pela alegria. O respeito verdadeiro pelo ser amado não brota pelo cumprimento de um formalismo contratual, mas sim pelo cuidado para com ele, nascido do sentimento de alteridade; tal como pertinentemente abordado por Edgar Morin (1921): “A autenticidade do amor não consiste em projetar nossa verdade sobre o outro e, finalmente, ver o outro exclusivamente segundo nossos olhos, mas sim de nos deixar contaminar pela verdade do outro”⁹. Porém, essa experiência é incompatível com o regime de descartabilidade capitalista, no qual todas as coisas devem ser de pouca durabilidade, de modo que a roda do consumo jamais se paralise.



O processo de depersonalização do indivíduo, imerso no oceano da indiferença existencial, é a característica por excelência da ideia de “vida líquida” problematizada por Bauman

Obviamente que todo ser humano possui pleno direito de experimentar exaustivamente relações afetivas em busca da autorrealização amorosa, mas o elemento criticável na conjuntura capitalista inserida na sociabilidade decorre da irresponsabilidade ética para com a figura do outro, imputada como desprovida de interioridade, sentimentos e valores. Queremos gozar a vida plenamente mesmo que através da degradação do outro e sem que corramos os riscos provenientes das incertezas decorrentes de toda relação interpessoal. Slavoj Žižek (1949) argumenta criticamente que “hoje tudo é permitido ao ‘último homem’ hedonista: tirar proveito de todos os prazeres, mas na condição de eles estarem privados da sua substância, que os torna perigosos”¹⁰.

Imerso nesse processo rotativo de inclusão e exclusão instantâneas nas suas relações afetivas, o indivíduo teme afirmar a potência unificadora do amor que, em sua própria vivência, é inefável. Quando amamos, amamos a pessoa pelo que ela é ou pelo que ela representa socialmente e materialmente para nós? Podemos afirmar que a "moralidade líquida" optou pela segunda possibilidade, fazendo sempre da - figura do outro um estranho que só adquire importância quando se presta a satisfazer os nossos objetivos egoístas. Conforme argumenta o ensaísta mexicano Octavio Paz (1914-1998): "O amor é uma tentativa de penetrar em outro ser, mas só pode ser realizado sob a condição de que a entrega seja mútua. Em todos os lugares é difícil esse abandono de si mesmo; poucos coincidem na entrega e menos ainda conseguem transcender essa etapa possessiva e gozar o amor como o que realmente é: um descobrimento perpétuo, uma imersão nas águas da realidade e uma recriação constante"¹¹.

No contexto da vivência líquida, amar se caracteriza sempre como um ato arriscado, perigoso, pois não conhecemos de antemão o resultado final das nossas experiências afetivas: só é possível nos preocuparmos com as consequências que podemos prever, e somente delas podemos lutar para escapar. O "outro" é considerado apenas uma peça, que rapidamente entra em processo de obsolescência em nossa frívola experiência afetiva, para que logo após se possa descartá-lo tal como o bagaço da laranja atirado ao lixo; sem que haja qualquer crise de consciência da parte do indivíduo consumista de afetos e experiências em cometer tal ato para com o parceiro amoroso. Tal como destaca Pierre Lévy (1956) em sua valiosíssima incursão na Ética do amor: "Quem não se ama usa os outros para preencher as próprias de ciências. Busca um ego complementar ao seu"¹².

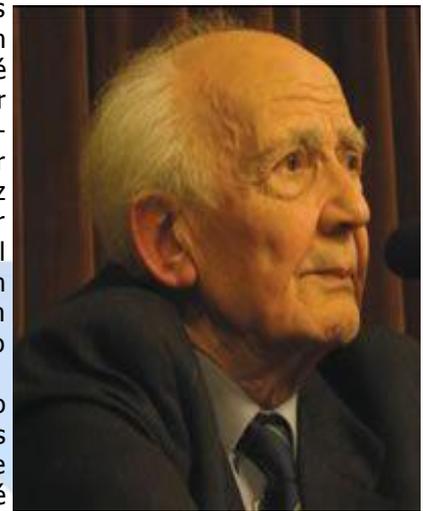
Ser livre pressupõe uma responsabilidade difícil de suportar perante a opressão de nossa líquida vida social, cada vez mais diluída na ausência de uma autêntica compreensão e valorização da figura do "outro", que é sempre imputado como o estranho, jamais um potencial indivíduo capaz de interação. As parcerias não se fortalecem e os medos não se dissipam. A grande ameaça, no contexto amoroso, decorre da incapacidade de compreendermos o valor afetivo de nossos interlocutores. Conforme diz Zygmunt Bauman (1925) acerca dessa dinâmica afetiva, "é preciso diluir as relações para que possamos consumi-las"¹³. Não nos permitimos vivenciar o amor pleno, por medo de sermos usados no máximo das nossas capacidades e posteriormente descartados. Afinal, não queremos ser violentados afetivamente pelo desgosto da desilusão sentimental. Segundo Anthony Giddens (1938), "para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, é necessário o compromisso; mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a sofrer muito no futuro, no caso de o relacionamento vir a se dissolver"¹⁴.

Preferimos então abrir mão das relações amorosas concretas para adentrarmos na dimensão das relações virtuais que, em si, são reais, mas desprovidas do "olho no olho" que caracteriza as experiências éticas mais profundas, regidas pela capacidade de se lidar adequadamente com a presença do outro diante de nós. Evitamos assim a intimidade indesejável da presença do parceiro quando este se torna enfadonho ao nosso gosto. O desgaste decorrente da relação interpessoal é suprimido com um clique no botão do computador.

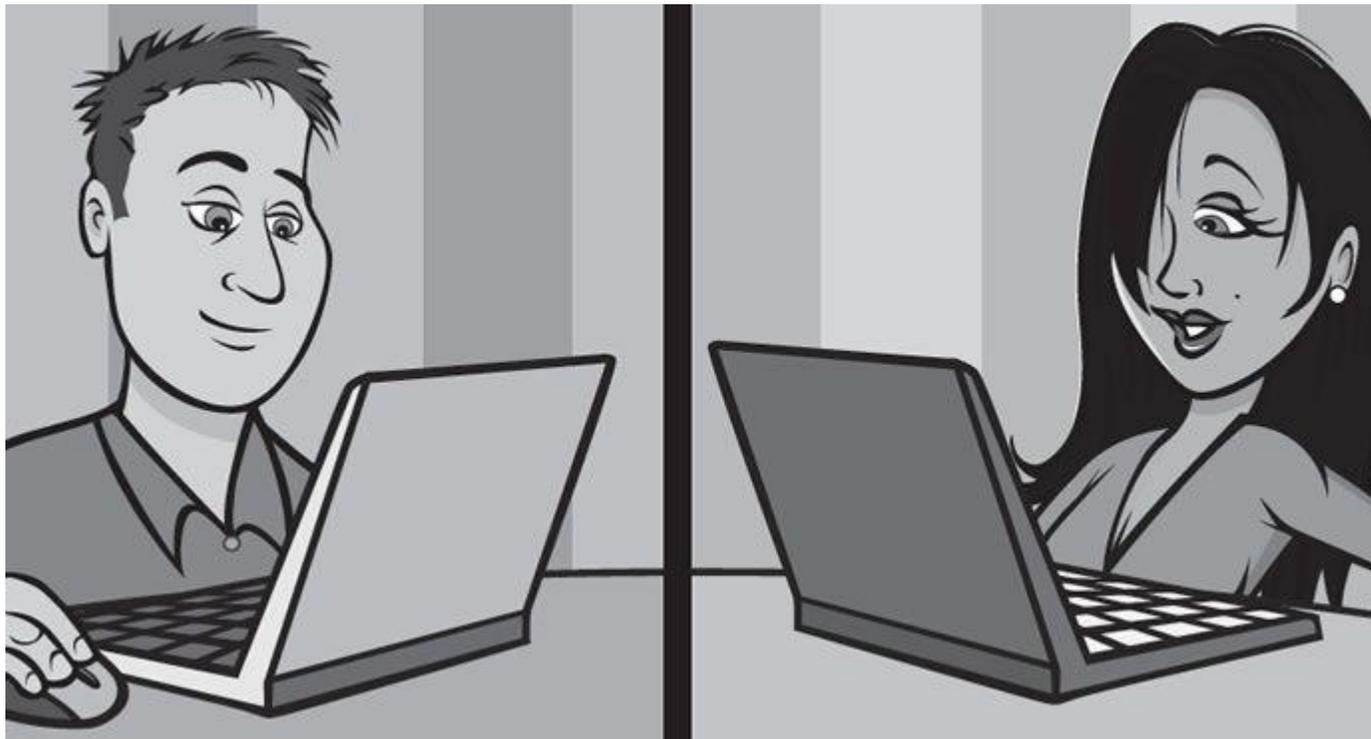


O FILME *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças*, dirigido por Michel Gondry, retrata a fragilidade dos relacionamentos. Com o gradativo aumento da intimidade, um deseja se livrar do outro, no eterno imbróglio de se dar bem, até perceberem que o par possível só pode ser o ser humano em sua oscilante aceção

O interlocutor se torna uma mera imagem sensual a ser consumida e ejetada sem maiores delongas do círculo de contatos e do próprio âmbito da percepção pessoal. Pessoas retraídas se tornam poderosamente sedutoras através da mediação eletrônica, conseguindo extravasar as disposições sensuais que permaneceriam recalçadas em circunstâncias concretas. A assepsia das relações virtuais e a descartabilidade do que Bauman denomina como "relacionamentos de bolso" são a tônica do "amor líquido", pois podemos dispor deles quando necessário e depois tornar a guardá-los¹⁵. Os ditos "relacionamentos virtuais" são assépticos e descartáveis, e não exigem o compromisso efetivo de nenhuma das partes pretensamente envolvidas nessa interação eletrônica. Tal como apontado por Eva Illouz (1961), "a internet dificulta muito mais um dos componentes centrais da sociabilidade, qual seja, a nossa capacidade de negociar com nós mesmos, continua mente, os termos em que nos dispomos a estabelecer relações com os outros [...] A internet proporciona um tipo de conhecimento que, por estar desinserido e desvinculado de um conhecimento contextual e prático da outra pessoa, não pode ser usado para compreendê-la como um todo"¹⁶.



Um dos principais temas abordados nas obras do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925) é a angústia despertada nos seres humanos pela pressa em encontrar o parceiro perfeito



Ao adentrar o universo das relações virtuais, buscamos evitar a intimidade indesejável da presença do parceiro quando este se torna enfadonho ao nosso gosto



Adicionamos cada vez mais amigos e compartilhamos frases e imagens contra as injustiças sociais em nossas redes sociais, mas somos incapazes de transpor para o "mundo real" o nosso ativismo virtual e continuamos passando indiferentes a cenas reais de pobreza

As facilidades comunicacionais das nossas convergências midiáticas, em vez de favorecerem o aumento de participação na esfera pública, geram um curioso efeito reverso de acomodamento social dos indivíduos, cada vez mais embotados pela amálgama de informações que são reproduzidas diariamente pela estrutura midiática. As redes sociais, que, utilizadas de maneira crítica e consciente, promovem mecanismos de politização e interatividade interpessoal, na dinâmica do "amor líquido" se tornam apenas utensílios quantitativos para a ampliação do número de amigos. Temos milhares de amigos nas redes sociais, mas nem sequer cumprimentamos muitos deles ao defrontá-los no cotidiano; temos amigos em diversas partes do planeta, mas somos incapazes de olhar de maneira humana para o nosso vizinho, muito menos para o homem da rua que perpetua cotidianamente sua penúria.

O medo do vazio da vida e a incapacidade do homem em lidar com o sentimento de perda e de desapego são algumas das motivações existenciais para a configuração do "amor líquido", atrelado ao dispositivo que impõe a cada pessoa, submetida ao padrão totalitário de consumo, a necessidade de gozar a todo custo, ainda que em detrimento da humanidade do outro. Para Enrique Rojas (1949), "é preciso construir uma nova pedagogia do amor, partindo de nós próprios e não do prazer sexual colocado à frente do amor. É justamente essa tergiversação de palavras que nos levou a um consumo de sexo que se afasta do sentido profundo do encontro amoroso. O parceiro nas relações sexuais não tem importância como pessoa, só existe como corpo"¹⁷.

A degradação da condição humana na experiência amorosa da sociedade tecnocrática provém da manifestação do medo social diante da incerteza em relação ao futuro cada vez mais problemático, assim como expressão da incapacidade humana de aceitar desafios, arriscar o desconhecido, vivenciar a intensidade do amor; o amor somente se realiza satisfatoriamente quando as partes envolvidas na relação visam no ser do parceiro um salutar complemento existencial, e não um suporte para o preenchimento do vazio interior produzido pela participação em uma realidade degradante. Para Bauman, "a incerteza é o habitat natural da vida humana – ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade. É por isso que a felicidade

“genuína” adequada e total sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele”¹⁸.

O AMOR SE REALIZA QUANDO OS ENVOLVIDOS NA RELAÇÃO VISAM NO PARCEIRO UM COMPLEMENTO EXISTENCIAL, E NÃO UM SUPORTE PARA O PREENCHIMENTO DO VAZIO INTERIOR

O medo difuso na experiência cotidiana infiltrou-se na esfera da sociabilidade e, por conseguinte, nas relações afetivas, tornando a vivência plena do amor um evento indesejável, enfadonho, arriscado, mesmo perigoso para quem se propõe a amar alguém, pois requer investimento de tempo, algo raro em uma era regida pela vertiginosa pressa em todos os estamentos da vida humana. Bauman argumenta que: “Os medos nos estimulam a assumir uma ação defensiva. Quando isso ocorre, a ação defensiva confere proximidade e tangibilidade ao medo. São nossas respostas que reclassificam as premonições sombrias como realidade diária, dando corpo à palavra. O medo agora se estabeleceu, saturando nossas rotinas cotidianas; praticamente não precisa de outros estímulos exteriores, já que as ações que estimula, dia após dia, fornecem toda a motivação e toda a energia de que ele necessita para se reproduzir. Entre os mecanismos que buscam se aproximar do modelo de sonhos do moto-perpétuo, a autorreprodução do emaranhado do medo e das ações inspiradas por esse sentimento está perto de reclamar uma posição de destaque”¹⁹.



SEGUNDO o psiquiatra e psicoterapeuta Flávio Gikovate (1943), em vez de ser um fim em si mesmo, o amor deveria funcionar como um meio para o aprimoramento individual, nos curando das frustrações do passado e nos impulsionando para o futuro

Troca-se de parceiro como se troca de peça de vestuário. Tememos a proximidade do “outro”, pois este, na visão distorcida que dele fazemos, traz sempre consigo uma sombra ameaçadora, capaz de desestabilizar o frágil suporte de nossa organização familiar, de nossa atividade profissional e de nossa sociedade como um todo. A busca por experiências “amorosas” fugazes não representa sinal de vitalidade sexual do indivíduo, mas um empobrecimento da sua capacidade de se relacionar profundamente com a subjetividade do outro. Para Bauman, “nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante”²⁰. O tipo egoísta é incapaz de amar o outro e tampouco é capaz de amar a si mesmo. O que essa figura autocentrada supostamente venera em si mesmo é a máscara social que ela utiliza como instrumento de fuga de sua interioridade “dessubstancializada”, de sua própria pobreza existencial.



De tanto utilizar máscaras sociais como instrumento de fuga da própria interioridade, há o perigo de nos perdermos de nós mesmos

O caráter agravante de tal situação é que muitas vezes colocamos o “outro” em situações vexatórias ou em condições vitais degradantes, e ainda por cima esperamos dele respostas positivas. Tememos amar plenamente alguém por não quisermos ser usados no máximo das nossas capacidades e sermos descartados posteriormente, quando a relação amorosa vier a demonstrar os seus primeiros sinais de turbulência: “desenvolvemos o crônico medo de sermos deixados para trás, de sermos excluídos”²¹. Como

o ritmo da vida líquida é marcado pela flutuação dos ânimos e as incertezas quanto ao futuro, o mais sensato é não se investir em nenhum tipo de risco afetivo, permanecendo-se assim na trincheira do amor. Richard Sennett (1943), por sua vez, argumenta que “nas relações íntimas, o medo de tornar-se dependente de outra pessoa é uma falta de confiança nela; em vez disso, prevalecem nossas defesas”²².

Pensar a questão do amor em sua acepção filosófica é um exercício intelectual no qual elementos éticos e ontológicos se manifestam continuamente nessa vastíssima e íngreme reflexão. Amar é certamente um ato ético, pois nos defronta perante a figura do outro, e também uma experiência ontológica, uma vez que na vivência do amor penetramos na subjetividade do outro pelo qual nos afeiçoamos. Todavia, o sistema de vida alienante da cultura ocidental abalou as estruturas psicológicas dos indivíduos, promovendo assim a barbárie social e o afloramento da ansiedade perante tempos incertos. O “amor líquido”, rebento da crise ética da modernidade e de seu fracasso político, nada mais é que um sintoma da fragilidade das relações humanas na confusão dos valores submetidos aos signos tecnocráticos do capital. Certamente não existe uma panaceia para a transformação imediata dessa situação, mas medidas microscópicas podem ser desenvolvidas no decorrer da vida cotidiana, tendo-se em vista a revalorização da condição humana e sua inerente sociabilidade.

Liberdade sexual de “massa”

O ardor hedonista de satisfação imediata dos ímpetos sensuais tornou a figura do parceiro amoroso apenas um pedaço de carne capaz de proporcionar o prazer esperado. Dessa maneira, a liberação sexual não se originou de um processo político de afirmação da alteridade, mas de uma necessidade capitalista de exaustão de todo potencial humano. A psicanalista brasileira Maria Rita Kehl (1951) é categórica ao afirmar que “a aliança entre a expansão do capital e a liberação sexual fez do interesse das massas consumidoras pelo sexo um ingrediente eficiente de publicidade. Tudo o que se vende tem apelo sexual: um carro, um liquidificador, um comprimido contra dor de cabeça, um provedor de internet, um tempero industrializado. A imagem publicitária evoca o gozo que se consome na própria imagem, ao mesmo tempo que promete fazer do consumidor um ser pleno e realizado. Tudo evoca o sexo ao mesmo tempo que afasta o sexual, na medida em que a mercadoria se oferece como presença segura, positivada no real, do objeto de desejo”

Maria Rita Kehl, Ética e Psicanálise

1Platão, *O Banquete*, 210b-210c.

2Platão, *O Banquete*, 210b-d.

3Fromm, *A Arte de Amar*, p. 35.

4Marx, *O Capital*, Livro 1, volume 1, p. 94.

5Illouz, *O amor nos tempos do capitalismo*, p. 154-155.

6Fromm, *Análise do Homem*, p. 72.

7Bauman, *Vida Líquida*, p. 10.

8Rojas, *O homem moderno: a luta contra o vazio*, p. 49.

9Morin, *Amor, Poesia, Sabedoria*, p. 30.

10Zizek, *A subjetividade por vir*, p. 132.

11Paz, *O labirinto da solidão*, p. 41.

12 Lévy, *O fogo liberador*, p. 58.

13Bauman, *Amor Líquido*, p. 10.

14Giddens, *A transformação da intimidade*, p. 152.

15Bauman, *Amor Líquido*, p. 10.

16Illouz, *O amor nos tempos do capitalismo*, p. 141; p.149.

17Rojas, *O homem moderno*, p. 50.

18 Bauman, *A arte da vida*, p. 31-32.

19Bauman, *Tempos Líquidos*, p. 15.

20Bauman, *Amor Líquido*, p. 65.

21Bauman, *Medo Líquido*, p.29.

22Sennett, *A corrosão do caráter*, p. 167.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *A arte da vida*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *Medo líquido*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Tempos líquidos*. Trad. De Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Vida líquida*. Trad. De Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FROMM, E. *Análise do homem*. Trad. de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

_____. *A arte de amar*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

ILLOUZ, E. *O amor nos tempos do capitalismo*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

KEHL, M. R. *Sobre Ética e Psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LÉVY, P. *O fogo liberador*. Trad. de Lílian Escorel. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro I, Volume 1. Trad. de Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MORIN, E. *Amor, poesia, sabedoria*. Trad. de Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

PAZ, O. *O labirinto da solidão*. Trad. de Eliana Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PLATÃO. *Banquete*. Trad. de José Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

ZIZEK, S. *A subjetividade por vir: ensaios críticos sobre a voz obscena*. Trad. de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio d’Água, 2006.

RENATO NUNES BITTENOURT é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ, professor do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião Pública da UERJ, professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA e da Faculdade Flama e membro do Grupo de Pesquisa Spinoza & Nietzsche. **Revista FILOSOFIA, Junho de 2013.**

O sol sobre o pântano (LUIZ FELIPE PONDÉ)

"**SOMOS** todos leprosos!", afirma o Monsenhor no livro "O Casamento", de Nelson Rodrigues, muito bem adaptado e dirigido por Johana Albuquerque, em cartaz no teatro Tuca. O que quer dizer esta afirmação exagerada "Somos todos leprosos"? No romance adaptado existe uma personagem leprosa, e ela se torna, na fala do Monsenhor, o paradigma da humanidade em nossa humanidade. Todos necessitamos de misericórdia porque estamos "em pedaços", e estes pedaços "desfilam" pelo palco, gemendo de prazer e dor.

Nelson Rodrigues é um desses clássicos que todo mundo fala mas pouca gente conhece de fato. Como ele é "cult", dizer que ele é o "máximo" é algo esperado em jantares inteligentes, afora, é claro, os ignorantes que o acusam de "machista" ou, na versão mais moderninha da mesma bobagem, "sexista". "Um Anjo Pornográfico", título da excelente biografia escrita por Ruy Castro, é uma forma precisa de descrevê-lo. Porque, mesmo sendo pornográfico, ele ultrapassa o discurso sobre sexo para falar do "miserável tédio da carne" que não fala especificamente da carne, mas sim da carne como pele da alma e não do corpo. Seus textos parecem confissões de agonia da alma diante do pecado, na mais velha tradição cristã do começo do cristianismo.

Nelson não é um mero autor de sacanagem (Nelson não é um Sade pernambucano), mas sim um autor espiritual, no sentido mais forte da palavra, talvez, o melhor teólogo que o Brasil já produziu, já que nos últimos anos a teologia brasileira é mais autoajuda do que qualquer outra coisa. Se formos situá-lo na tradição ocidental, eu o colocaria no encontro entre três gigantes: Freud (sexo como centro dilacerante da alma), Dostoiévski (a alma só sobrevive numa atmosfera de misericórdia porque seu elemento natural é o perdão) e Santo Agostinho (a consciência de que todo drama do corpo é em si um drama da alma). A obra rodriguiana faz de Freud um teólogo.

A expressão "Sol sobre o pântano", que descreve muito bem o efeito causado pela montagem de Johana Albuquerque, é um modo presente na fortuna crítica para nomear a obra dramática de Nelson: sua obra ilumina nossa miséria. A expressão foi usada por Léo Gilson Ribeiro, nos anos 1960, num texto no qual ele diz ser nosso maior dramaturgo um expressionista brasileiro.

Nelson era um obcecado por sexo, adultério, sífilis, crime passional, homossexualismo (pederastia), cunhadas gostosas, todas umas Lolitas cariocas. "Em cada esquina do subúrbio carioca existe uma Anna Karenina e uma Emma Bovary", dizia Nelson. No Brasil, a tragédia anda de lotação. No mesmo artigo, Léo Gilson Ribeiro cita a famosa passagem na qual Nelson, comentando sua peça "Bonitinha, mas Ordinária", afirma que "a nossa opção é entre a angústia e a gangrena. Ou o sujeito se angustia ou apodrece. E se me perguntarem o que eu quero dizer com a minha peça, eu responderia: que só os neuróticos verão a Deus".

Nelson ri dos idiotas que ainda afirmam que no sexo há redenção e que a revolução sexual nos salvará do tédio. Não, o sexo como sentido da vida é tédio puro. Só idealiza o sexo quem não faz muito sexo. No "Casamento" não é outro o sentido do suicídio de Antônio Carlos, o comedor de todas as mulheres do mundo. As risadas artificiais desvelam o vazio que carrega os personagens arrastados por protocolos: "Não se adia um casamento na véspera só porque a noiva está menstruada!", de novo, decreta o Monsenhor, o oráculo do romance.

No sexo da mulher, o sangue menstrual que escorre pelas suas pernas define sua feminilidade. A mulher é mulher porque sangra e sangra porque pode ser fecundada no coito e, quando não mais sangra, se sente menos mulher. Este mesmo oráculo que diz que o sexo é uma mijada (afinal, o órgão sexual é o mesmo que mija, tanto no homem como na mulher e na mulher também sangra), enuncia a diferença final entre nós e os animais: "a culpa faz de nós humanos". A dor da alma é que nos mantém de pé. Se na teologia clássica é dito que só os pecadores verão a Deus, na teologia rodriguiana só os neuróticos verão a Deus.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

Sim, eles crescem (ROSELY SAYÃO)

A MÃE de um garoto de nove anos vive uma crise que ela não percebe como tal e pode ser interessante pensar a esse respeito, principalmente para quem tem filhos com idade acima dos seis anos. Essa mãe diz que o filho sempre solicitou a presença dela para tudo, mas que agora está bem mudado.

Até dias atrás, o menino ligava para ela perguntando o que deveria comer, se poderia ver tal filme e deixar a lição de casa para fazer à noite em companhia dela. Também pedia que a mãe escolhesse a roupa dele etc. Em casa, no fim de semana, o garoto vivia atrás da mãe para decidir do que brincar, o que fazer e quem convidar para jogar bola. Muitas mães vivem situações semelhantes e reclamam, porque gostariam de poder ler o jornal sem interrupções, de ir ao banheiro em paz e de passar ao menos uns dez minutos em casa ocupadas com as tarefas domésticas sem precisar se responsabilizar por cada uma das atividades dos filhos.

Pois a mãe do garoto citado acha que ele está entrando na adolescência precocemente porque a tem procurado menos. Ela, que confessou ter desejado ardentemente alguns momentos de sossego, agora sente falta das demandas

incessantes do filho. A mãe de uma adolescente se debate com situação parecida: diz que ela e a filha sempre foram muito próximas, mas já não sente mais essa proximidade. Antes, trocavam confidências, a filha lhe confiava segredos típicos de adolescentes e sempre pedia a opinião da mãe a respeito das amigas. Mas, de repente, segundo a mãe, tudo mudou.

Quando ela se aproxima da filha durante uma conversa da garota ao telefone com amigas, percebe que ela muda de assunto rapidamente. Segredos, então, que anteriormente eram confidenciados por ambas, agora nem pensar: parece que, repentinamente, as duas ficaram sem assunto. Será que esse menino de nove anos e essa adolescente estão em crise? É provável que não, porque os filhos não precisam da constante proximidade dos pais.

Quem consegue prestar atenção aos filhos se dá conta de que eles alternam com regularidade fases em que buscam a proximidade dos pais (da mãe, em especial) e o distanciamento deles. Os filhos têm o direito de identificar quando precisam dos pais e os querem muito próximos e quando já não querem isso. E quando mães, como as duas citadas, percebem pela primeira vez que seus filhos se afastam, o que está em jogo pode ser a angústia delas e não a mudança de comportamento dos filhos. E que angústia seria essa? A de se separar dos filhos.

Pelo menos em teoria, criamos os filhos para que eles cresçam, não é? Não criamos nossas crianças para que permaneçam crianças para sempre. O crescimento resulta em assumir a própria vida e, portanto, separar-se dos pais. Talvez uma questão importante para reflexão de muitas mães da atualidade seja a dificuldade de suportar essa separação que, lembremos, ocorre desde o nascimento. Como atualmente os laços afetivos entre adultos estão frágeis e se rompem por qualquer motivo, por mais fútil que seja, a busca de um relacionamento próximo perene com os filhos parece oferecer alguma segurança aos pais.

Mas com um custo demasiadamente alto para os filhos, que ficam, dessa maneira, impedidos de crescer e atingir a maturidade. Não é aos nove anos ou na adolescência que os filhos se afastam dos pais pela primeira vez. Mas pode ser a primeira vez que as mães reconheçam essa dor. A separação pode ser uma experiência dolorosa, mas suportável. E deve ser. Mães não são feitas de cristal e filhos precisam crescer.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

Anarquistas, neoliberais e Foucault (CONTARDO CALLIGARIS)

POR DEFINIÇÃO, os anarquistas não gostam de pertencer a coletividades, comunidades e grupos. Eles têm em comum uma antipatia (se não um ódio) pelos poderes instituídos, do Estado às igrejas, passando pelas torcidas, os partidos, os clubes etc. Fora esse sentimento comum, eles preferem pensar cada um por conta própria.

Mas, embora haja mil maneiras de ser anarquista, existe uma grande distinção que talvez seja legítima. Há os anarquistas clássicos, que a esquerda gosta de incluir em suas fileiras. Grosso modo, eles acham que o fim do Estado e de todas as igrejas (por exemplo) criará uma nova sociedade de homens livres e pares. Tradicionalmente, esses anarquistas, por serem alérgicos ao poder dos partidos e dos Estados pretensamente "revolucionários", foram usados e, no fim, massacrados por seus supostos "companheiros" comunistas e socialistas (como aconteceu na guerra da Espanha).

E há os anarquistas que são hoje chamados de anarco-capitalistas, que a direita gosta de incorporar. Os anarco-capitalistas não sonham com uma sociedade radicalmente nova, eles apostam que a economia de mercado seja capaz de se contrapor ao Estado e aos poderes instituídos, de forma a substituí-los e torná-los desnecessários. O que se ganharia com isso? Os anarco-capitalistas acham que, em matéria de liberdade, ser consumidor é um jeito relativamente pouco custoso de ser cidadão. Isso, sobretudo nas últimas décadas, em que o consumo tende a não ser massificado. Ou seja, a ideia anarco-capitalista é que, se deixássemos o mercado reger nossa sociedade, nossa vida seria menos controlada e regrada do que ela é agora, pelo Estado e outros poderes.

Pergunta: sem o Estado, quem nos protegeria contra os abusos do mercado? É bom não esquecer que os anarquistas, em tese, se protegem sozinhos: se você não gosta de delegar poder a uma instituição, seja ela qual for, deve estar disposto a fazer polícia e justiça com suas mãos (é por isso, aliás, que o movimento libertário dos EUA sempre será fortemente favorável à livre circulação das armas). Fato curioso, há uma similitude entre os anarco-capitalistas e os neoliberais. Mas é melhor explicar um pouco, porque (sobretudo se formos "progressistas") nossa visão dos neoliberais é distorcida.

Os liberais clássicos, tipo Adam Smith, querem preservar a liberdade do mercado dentro de qualquer sistema político. Para os neoliberais de hoje, o mercado poderia (ou deveria) substituir qualquer sistema de governo a ponto de torná-lo desnecessário.

Há duas maneiras de entender essa ideia. Uma consiste em pensar que os neoliberais querem nos entregar de mãos atadas às grandes corporações e à sedução de sua propaganda. A outra consiste em pensar que os neoliberais são extremamente próximos dos anarco-capitalistas: querem que o mercado nos liberte, ou melhor, imaginam que o mercado seja a forma de organização social mínima, a que controla menos a nossa vida. Para quem se deu a pena de ler Friedrich Hayek (que talvez seja o maior pensador do neoliberalismo - vários livros em português, publicados pelo Instituto Ludwig Von Mises), a resposta que faz mais sentido é a segunda.

Ou seja, há uma séria proximidade entre neoliberais e anarco-capitalistas. Essa proximidade consiste numa paixão comum pela liberdade do indivíduo como valor que não pode nem deve ser alienado em favor de entidade coletiva alguma.

Um sociólogo francês, Geoffroy de Lagasnerie, tenta há tempos defender uma leitura atenta dos autores neoliberais (para ter uma ideia da polêmica, um artigo dele de 2011, no "Le Monde", <http://migre.me/eSa0S>). Em 2012, De Lagasnerie publicou um livro crucial sobre Michel Foucault, que acaba de ser traduzido, "A Última Lição de Michel Foucault" (Três Estrelas). O livro mostra o irrefutável: em seu último seminário ("O Nascimento da Biopolítica", Martins Fontes), Foucault (um ícone da esquerda) leu, apresentou e (pasmem) levou a sério os pensadores neoliberais (Hayek, em particular). E não foi uma loucura de última hora. Ao contrário, o interesse de Foucault pelos neoliberais não deveria nos escandalizar.

Aliás, qual seria o escândalo? Aparentemente, a ideia de que, para o bem ou para o mal, o neoliberalismo é também uma grandiosa defesa da diversidade e da liberdade do indivíduo - fato que não podia deixar indiferente o maior pensador anarquista do século 20, Michel Foucault.

CONTARDO CALLIGARIS é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

Vítimas da pedofilia (REMO ROTELLA JR)



As consequências do abuso sexual infantil apresentam sintomas que podem aparecer em várias fases da vida

NA EDIÇÃO anterior foram abordados os aspectos psíquicos e comportamentais dos indivíduos predadores, que abusam sexualmente de crianças e adolescentes, e como eles conseguem, habilmente, ludibriar a confiança daqueles que convivem de perto com as vítimas, a fim de conseguir seu intento. Este artigo colocará em discussão os danos psíquicos e emocionais decorrentes do abuso sexual infantil, com sintomas que podem aparecer na infância, adolescência ou na idade adulta.

É fato muito raro que as crianças ou os adolescentes, que tenham sido ou estejam sendo molestados sexualmente por um adulto, demonstrem ter a consciência do que está ocorrendo e procurem a ajuda de um adulto, seja um familiar, educador ou alguém com quem tenham um vínculo, com o intuito de denunciar os abusos de que estão sendo vítimas. Comumente tendem a guardar segredo, principalmente se o pedófilo for um parente, tal como pai, irmão, primo, padrasto ou um amigo que mantenha um forte vínculo de confiança com os pais.

Na mente infantil, que ainda está em desenvolvimento, o fato traumático, consequente do abuso sexual, e a necessidade da manutenção do segredo acarretam uma situação de forte angústia e alterações do comportamento. Isso acontece devido à incapacidade de um psiquismo em desenvolvimento, que é o da criança, poder elaborar o trauma emocional causado pela situação do abuso de que foi vítima.

O trauma emocional, não elaborado, aparecerá mais tarde, na vida dos indivíduos que foram vítimas desse tipo de abuso, sob a forma de sintomas e alterações do funcionamento psíquico das mais variadas formas, tais como:

- Acentuado rebaixamento da autoestima, que se expressa sob a forma de descrença em si mesmo e grande dificuldade para reconhecer e valorizar seus potenciais afetivos e intelectuais.
- O rebaixamento da autoestima abre caminho para o surgimento de sintomas de depressão emocional, o que aumentará a descrença do indivíduo em si mesmo.
- A pessoa descrente de si mesma e, por consequência, descrente dos outros, desenvolve um profundo sentimento de desamparo afetivo, que, quando associado a sintomas depressivos, tende a gerar sentimentos de desesperança e ansiedade.
- Os sentimentos de desesperança, desamparo e ansiedade, frequentemente, ocasionam crises de Ansiedade tipo Pânico ou, em muitos casos, a Síndrome do Pânico, que leva esses indivíduos a procurarem por ajuda psiquiátrica e ou psicoterápica, para resolverem o drama interno e o sofrimento psíquico de que são vítimas.

Além do que foi descrito, o trabalho psíquico com adultos que foram sexualmente abusados na infância, tem mostrado, com frequência, o fato de que essas pessoas, apresentando dificuldades para estabelecerem vínculos afetivos, tendem a se ligar a pessoas com graus de sadismo, que, de alguma maneira, reproduzem nos relacionamentos afetivos situações de violência física ou psíquica, humilhação, desprezo e desconsideração, para falar das mais frequentes, o que nos leva à indagação: Até que ponto esses adultos de que estamos falando, que sofreram com essa prática, ao se ligarem a pessoas que os maltratam, cometendo, inclusive, atos de abuso, não estão tentando resolver, psiquicamente, a situação da qual foram vítimas um dia, ou seja, o próprio abuso sexual?

REMO ROTELLA JR. é médico psiquiatra e psicanalista. Membro da Associação Brasileira de Psiquiatria e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. **Revista PSIQUE, Junho de 2013.**

A face impiedosa de madre Teresa (JOÃO LOES e SUZANA BORIN)

Descaso com os doentes, ligações com ditadores e corruptos, moral dúbia: estudo reúne documentos que mostram um lado pouco nobre da biografia da religiosa que está às portas da canonização

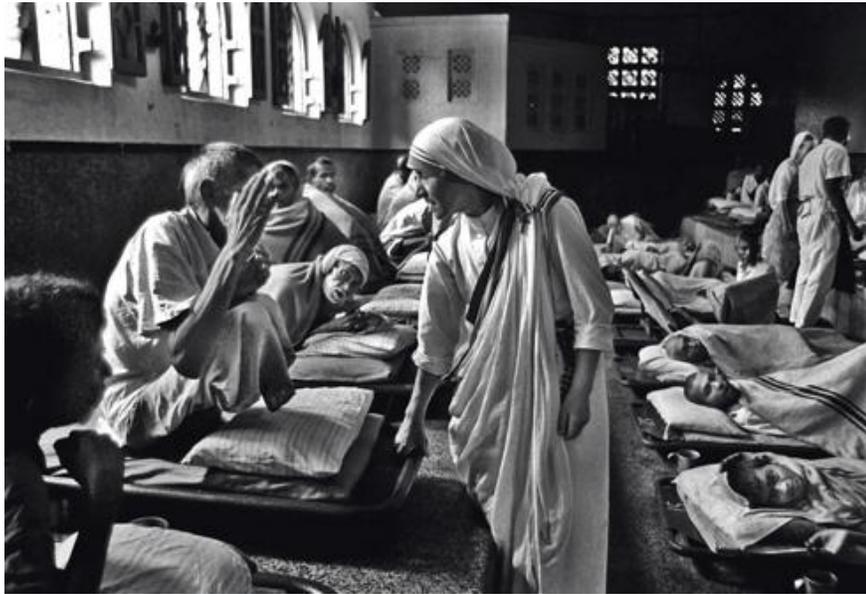


POLÊMICA - Sinônimo de caridade no séc. XX, Madre Teresa tem sua obra social contestada por pesquisadores canadenses

HÁ DÉCADAS, Madre Teresa de Calcutá é símbolo das mais elevadas causas humanas. Das centenas de sedes de sua congregação, as "Missionárias da Caridade" espalhadas pelo mundo, surgem relatos do cuidado dado aos pobres, excluídos, órfãos e moribundos. Publicamente, a missionária, que morreu em 1997 aos 87 anos, é mais do que um modelo a ser seguido. Dona de um Prêmio Nobel da Paz, conquistado em 1979, e elogiada por presidentes, papas e personalidade de alto quilate, ela foi beatificada em 2003 e está a caminho da santificação.

Uma referência no céu e na terra, portanto. "Mas nem todos veem Madre Teresa e sua história com bons olhos", revela Geneviève Chénard, pesquisadora em educação da Universidade de Montreal, no Canadá. Co-autora de uma pesquisa inédita que expõe uma face pouco conhecida da religiosa, Geneviève reviu, com dois colegas, 287 documentos sobre a freira e descobriu uma nova Madre Teresa, bem menos elogiável e nobre do que a que já se conhece. "Foi uma surpresa até para mim", admite a estudiosa, que esperava encontrar críticas mais duras, mas não antecipava a enxurrada de acusações com as quais se deparou.

De acordo com os pesquisadores, as discrepâncias entre a realidade e a biografia heroica da candidata à santa vão da administração das sedes das congregações das Missionárias da Caridade à natureza da fé de Madre Teresa. "Vimos, por exemplo, que a congregação era pouco criteriosa na hora de aceitar doações em dinheiro", afirma Geneviève. Da análise documental, a impressão que ficou é que, para a organização, dinheiro era dinheiro, independentemente de onde vinha. Seguindo essa lógica, Madre Teresa se associou a ditadores e famosos salafários que, nas horas vagas, se dedicavam à filantropia. De Jean-Claude Duvalier, por exemplo, ditador do Haiti acusado de corrupção e violação de direitos humanos, ela recebeu não só dinheiro, mas também uma homenagem. Já com James Keating, nebuloso investidor do mercado imobiliário americano de quem obteve patrocínio, a religiosa topou até fazer foto. No auge da arrecadação, estima-se que a congregação tinha o equivalente a R\$ 102 milhões em caixa. "E o mais curioso é que, mesmo com tanto dinheiro, as condições dos doentes nas sedes era terrível", diz Geneviève.



FILOSOFIA - Falta de higiene e de remédios era a política nas congregações da religiosa, que dizia que o mundo ganhava com o sofrimento dos pobres

Aparentemente, todo o dinheiro arrecadado ia para a expansão das obras e não para a melhoria das condições de atendimento aos doentes nas instituições que já funcionavam. E as condições eram terríveis. Relatos de médicos que fizeram visitas aos centros de tratamento e cuidado geridos pela congregação apontaram, além da falta de higiene crônica, ausência de equipamentos básicos para os cuidados prestados e tratadores sem treinamento ou qualificação. Seringas eram lavadas com água fria de torneira e doenças graves eram tratadas com analgésicos simples, como o paracetamol. "Talvez esse descaso fosse parte da ética da religiosa, que via o

sofrimento dos outros como algo que os aproximava de Cristo", diz Geneviève. Em mais de uma ocasião Madre Teresa celebrou a dor como algo que enobrece. "O mundo ganha com esse sofrimento", chegou a dizer. Curiosamente, quando adoecia, ela não se tratava nos centros geridos por ela, mas sim em hospitais de ponta na Índia e nos Estados Unidos.

Nos documentos levantados pelos canadenses, mais casos dessa ética eletiva são arrolados. Por exemplo, embora dura e inflexível, publicamente, em suas opiniões contra o divórcio, Madre Teresa fez vista grossa para o fim do casamento de Lady Diana, que, mesmo tendo se separado do príncipe Charles, continuou entre as preferidas da religiosa. "Diana foi uma grande patrocinadora das Missionárias da Caridade. Será que é por isso que ela continuou sendo recebida e elogiada?", diz Geneviève.



PAPA JOÃO PAULO
Amigo de Madre Teresa desde 1986, foi entusiasta das Missionárias da Caridade e beatificou a freira em 2003

UMA VIDA ENTRE PODEROSOS



RONALD REAGAN, PRESIDENTE DOS EUA (1981-1989)
Em 1985, recebeu a missionária na Casa Branca e deu a ela a "Medal of Freedom", concedida a lideranças culturais, políticas e filantrópicas



LADY DIANA, PRINCESA
Conheceu a missionária em 1992 e se tornou uma de suas maiores fãs. Deu nova fama à congregação



CHARLES KEATING, INVESTIDOR
Doador e parceiro das "Missionárias da Caridade", foi condenado por fraude e conspiração e responsabilizado por um rombo de US\$ 3 bilhões

Também recaem dúvidas sobre o milagre reconhecido pelo Vaticano, que fez de Madre Teresa beata. Segundo os canadenses, o time de médicos que tratou a miraculada, a indiana Monica Besra, tem explicação científica para a cura do suposto tumor que ela tinha no abdome. Para eles, a massa, na realidade, nunca foi um tumor, mas sim um cisto, e ele desapareceu depois de nove meses de tratamento. “É de se imaginar que o Vaticano já conheça os argumentos contrários à canonização de Madre Teresa”, diz a irmã Célia Cadorin, responsável pelos processos que resultaram na canonização de São Frei Galvão e da Santa Madre Paulina. E se o processo continua correndo, é porque, aos olhos do Vaticano, as virtudes da missionária são mais fortes que seus eventuais deslizes.

JOÃO LOES e SUZANA BORIN são Jornalistas e escrevem para esta publicação. **Revista ISTO É, Junho de 2013.**

Os bilionários e a fila indecente (CRISTIANE SEGATTO)

Como o urologista Miguel Srougi convenceu donos de grandes fortunas a melhorar a vida de quem usa o SUS

NÃO É preciso ir muito longe para ter uma amostra das injustiças que caracterizam o sistema de saúde brasileiro. Basta caminhar pelos arredores do Hospital das Clínicas, a poucos quilômetros da Avenida Paulista, o coração financeiro da cidade. Milhares de doentes e familiares vêm de longe (da periferia, de outras cidades, de outros estados) em busca de algo que se tornou um privilégio: uma consulta com um especialista, um exame, uma cirurgia.

A multidão chega como pode – de metrô, de ônibus, em vans improvisadas, em ambulâncias despedaçadas com placa de cidades distantes. Chega de longe e chega com fome. Quem pode compra um café com leite de garrafa térmica ou um pedaço de bolo caseiro oferecido pelos ambulantes. As calçadas ficam tomadas de doentes que se arrastam em muletas ou cadeiras de rodas, gente que pede esmola, gente que perdeu a esperança.

Entra governo e sai governo e a cena não muda. Na quarta-feira (5), um movimento estranho quebrou a rotina. Uma revoada de carros importados e seguranças particulares ocuparam o pátio em frente ao Instituto Central, do Hospital das Clínicas. Os donos de algumas das maiores fortunas do país se encontraram para a inauguração de uma ala do departamento de urologia. Destinada exclusivamente a mulheres e crianças atendidas pelo SUS, o setor foi reformado e equipado com R\$ 13 milhões doados pela iniciativa privada.

Quem pediu dinheiro aos empresários para melhorar a vida de quem depende do SUS foi o urologista Miguel Srougi, professor titular da Faculdade de Medicina da USP. No consultório particular, ele cuida da saúde da maioria dos 19 beneméritos, entre eles Lázaro de Mello Brandão (Bradesco), Joseph e Moise Safra, Aloysio Faria (Banco Alfa), Fabio Ermirio de Moraes (Grupo Votorantim), Rubens Ometto Silveira Mello (Cosan), Eduardo de Souza Ramos (Mitsubishi Motors), entre outros.

Na cerimônia, Souza Ramos falou em nome dos beneméritos. Recentemente, ele enfrentou a tensão de descobrir um tumor – que mais tarde se revelaria benigno. “Se ficamos assustados quando ligamos para o médico e ele não atende o celular, imagine o que as pessoas sentem quando percebem que não terão atendimento porque a fila não anda”, disse.



Corredor e brinquedoteca da nova ala feminina e pediátrica do departamento de urologia do Hospital das Clínicas, em São Paulo. (Foto: Divulgação)

A ala está sendo considerada uma das mais avançadas dentro da rede pública brasileira. As salas cirúrgicas estão equipadas com mesas acopladas a aparelhos de raios-X, microscópicos cirúrgicos, aparelhos de radiofrequência para destruição de tumores e crioterapia. Há também lasers para tratamento de cálculos e instrumentos, como o bisturi, que

podem ser acionados por comando de voz. Além de instalações para cirurgia robótica e simuladores para o treinamento dos novos cirurgiões. O setor infantil recebeu decoração de animais dos diferentes continentes e uma brinquedoteca completa – equipada até com navio pirata.

Não é a primeira vez que Miguel Srougi pede doações aos pacientes para melhorar serviços públicos. Desde 1998, ele usou esse expediente para reformar alojamentos de estudantes de medicina, reconstruir alas de hospitais, pintar escola pública etc. Em 2012, ele foi eleito por ÉPOCA como uma das 100 personalidades mais influentes do ano. Ao final da cerimônia, conversamos sobre saúde pública, governo Dilma, a polêmica da importação de médicos, entre outros assuntos.

ÉPOCA – Por que o sr. diz que o médico é um privilegiado?

Miguel Srougi – Somos privilegiados pelas relações que podemos construir. A relação médico-paciente é uma das mais fortes que existem. Mais forte que ela, só as relações familiares. O paciente vem ao consultório e abre seu coração, conta os segredos mais íntimos. Criamos um vínculo. Quando o paciente se sente bem atendido, ele passa a ver o médico com um simbolismo sem paralelo. Para essa pessoa, o médico se torna quase um Deus.

ÉPOCA – O problema é quando o médico acredita mesmo que é Deus, não é?

Srougi – São dois problemas: um deles é o médico achar que é Deus. O outro problema é o médico não perceber que pode usar essa relação privilegiada para ser feliz.

ÉPOCA – Como assim?

Srougi – Ações como essa que estamos inaugurando são inebriantes para mim. Elas me conduzem a uma extrema felicidade. Usufruo dessa felicidade. Faço essas coisas para ser feliz. É um pouco de egoísmo.

ÉPOCA – Que estratégia o sr. usou para reunir essas doações? Ligou para os empresários e simplesmente pediu dinheiro?

Srougi – Preparamos um calhamaço com detalhes do projeto (orçamentos, objetivos etc.) e enviamos para cada um deles. Quando telefonei para avisar que receberiam o material, muitos disseram que fariam doações sem sequer olhar o projeto. Visitei pessoalmente apenas dois dos beneméritos porque eram empresários com os quais minha relação não era muito próxima. No total, reunimos R\$ 13 milhões.

ÉPOCA – Eles podem abater as doações do imposto de renda? Funciona mais ou menos como a Lei Rouanet?

Srougi – Alguns abatem. Outros não abatem porque as doações que eles fazem a vários projetos (não só aos nossos) superam o limite que pode ser abatido legalmente. É fundamental que os mais privilegiados se mobilizem e tentem melhorar o seu microentorno. Se cada um fizer o que está ao seu alcance, teremos um país melhor.

ÉPOCA – No Exterior, donos de grandes fortunas costumam fazer doações expressivas. Por que não temos essa tradição no Brasil?

Srougi – Na Europa e nos Estados Unidos, muitas personalidades são modelos de comportamento. O Brasil tem carência desses modelos. Aqui todo mundo quer levar vantagem. A sociedade é condescendente com desvios. Nessa minha experiência, observo que muitos empresários querem fazer doações. Muitos se sentem honrados por poder retribuir à sociedade os privilégios que tiveram.

ÉPOCA – Eles poderiam doar mais do que doam hoje?

Srougi – Muita gente pede dinheiro aos empresários. Percebo que eles não doam quando percebem que o intuito dos projetos é tirar algum proveito próprio. Essas ações só dão certo se forem baseadas na credibilidade.

ÉPOCA – A desigualdade social brasileira se expressa de forma clara nas dificuldades de acesso ao sistema de saúde. Por que os governos falham?

Srougi – Temos dois Brasis. Um Brasil instruído que usufrui de todos os privilégios e o outro Brasil. Sozinhos, os governos não têm condição de aliviar a desigualdade social. A presidente Dilma era bem intencionada, mas o governo está piorando cada vez mais. A saúde é uma tragédia. A educação é uma tragédia. As escolas estão desaparelhadas. A infraestrutura do Brasil arreventou. As exportações caíram. O PIB está caindo. PIB caindo significa desemprego no futuro. Os brasileiros estão endividados. Os governos erram por falta de visão. Eles tomam medidas pontuais pensando apenas nas eleições. O Bolsa Família tem mérito, mas é insuficiente para mudar o Brasil. O Ministério da Saúde está abarrotado de postos políticos. A presidente Dilma é digna e competente, mas está encurralada. O único jeito de o Brasil começar a mudar é o pessoal do “andar de cima”, como diz o jornalista Elio Gaspari, começar a se indignar. O “andar de cima” vive assustado e recluso numa sociedade violenta. Ele precisa tomar atitudes proativas, como essa que estamos vendo aqui.

ÉPOCA – Qual é o tamanho da fila de espera por atendimento na urologia?

Srougi – Hoje a fila para conseguir uma cirurgia urológica é de 1,2 mil pacientes. Duzentos estão na fila e têm câncer. Sabemos que 75% dos pacientes nunca conseguirão ser internados. Vão morrer pelo caminho. É uma fila indecente. Uma vergonha para quem exerce a medicina. Com a nova ala, vamos conseguir fazer 1,5 mil cirurgias a mais por ano. Não vamos zerar a fila, mas ela vai andar mais rápido.

ÉPOCA – Quais são os outros objetivos do projeto?

Srougi – Um dos principais é a humanização. Aqui o doente se sente valorizado. A existência dele é respeitada. Sente que tem um espaço neste planeta. Cada pedacinho desta nova ala foi criado para amenizar o sofrimento. O paciente tem um sofrimento físico e um sofrimento de alma. Tem medo de morrer, medo de deixar a família. Ela é ciência e humanismo. As novas gerações usam os velhos professores como exemplo. O espírito que levou à criação dessa nova ala é a certeza de que a medicina não é só tecnologia. Precisamos impregnar as novas gerações com sentimentos de solidariedade. Torná-las capaz de compreender os assombros dos pacientes em relação à doença e à morte. Outro objetivo é a formação técnica dos médicos, que agora poderão aprender num centro de alta tecnologia mais bem equipado do que tínhamos antes. No Hospital das Clínicas são treinados quatro mil médicos por ano. São os novos profissionais que depois vão se espalhar pelo Brasil.

ÉPOCA – Por falar nisso, faltam médicos no país? Qual é a sua opinião sobre a polêmica em torno da importação de médicos?

Srougi – Recentemente uma pesquisa realizada numa cidade do interior de São Paulo revelou que a principal aspiração da população era poder conversar com um médico. Um sistema de saúde que não consegue oferecer isso é uma barbaridade. Muitas cidades não têm médico. A população precisa se deslocar a municípios vizinhos. Seria bom poder colocar médicos nessas cidades. O problema da contratação de estrangeiros é que é uma falácia motivada por motivos políticos. O que interessa é apenas ganhar as eleições. Como os médicos, brasileiros ou estrangeiros, conseguirão trabalhar em lugares sem condição de oferecer sequer um exame de raios-X? Duvido que um médico estrangeiro enviado para um lugar distante aceite viver lá por muito tempo. Ele vai deixar o filho sem instrução? A mulher não vai querer viver num ambiente onde também possa crescer profissionalmente? Ele próprio não terá expectativas de desenvolvimento profissional e intelectual? A questão não é a nacionalidade do médico, é a falta de condições de trabalho. Essa polêmica é puro engodo.

CRISTIANE SEGATTO Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Junho de 2013.**

Só há inclusão com união verdadeira (JOSÉ JÚNIOR)

O BRASIL vive uma oportunidade histórica. Já éramos fortes por sermos mestiços. Agora, reduzimos diferenças econômicas. O país caminha para a inclusão social, e os benefícios disso estão por toda parte. De uma hora para a outra, pessoas vindas de realidades distantes passaram a dividir o hall do aeroporto e os mesmos produtos no supermercado. Passaram a ter automóveis. Isso é bom. Mas não basta. É preciso ir além. Ir mais fundo.

Não há futuro no apartheid, seja ele social, econômico, racial ou de gênero. Não há futuro na infelicidade pessoal provocada pela exclusão. Essas ideias motivaram a criação, em 1993, do Grupo Cultural AfroReggae e o inspiram até hoje. O clima no Rio de Janeiro daquele tempo era irrespirável. Violento, preconceituoso, distante. O jornalista Zuenir Ventura foi o primeiro a notar e definiu: "Uma cidade partida". Havia subdivisões. Guerras absurdas por ódios cujos motivos já nem se conhecia mais.

As favelas de Vigário Geral e Parada de Lucas, vizinhas em uma zona de pobreza extrema da cidade, se odiavam. O morador de uma não podia pisar na outra. Por uma atitude de vingança contra um grupo de bandidos, policiais chacinaram 29 inocentes, moradores de Vigário, numa clara demonstração de desprezo. Pessoas foram mortas apenas por serem pretas, pobres e faveladas. A morte mostrava-se real. Chegamos ao fundo do poço. Era preciso fazer alguma coisa. Cada um corria para um lado. Nós, eu e um grupo de pessoas, corremos para criar um projeto social que fizesse sentido. Surgiu o AfroReggae.

Nascemos com a visão de que a força está em reconhecer o valor da convivência entre diferentes. Está no valor da oportunidade para que o ser humano desenvolva o seu potencial, longe de preconceitos. Aprendemos que as pessoas se traduzem pelo cotidiano que levam. E muitas realidades estiveram escondidas num Brasil que negava oportunidades para a maioria de seu povo. Grande parte dos que tiveram no AfroReggae sua segunda chance não conseguiu a primeira na sociedade brasileira. Nosso projeto de reinserção social de egressos do sistema prisional, o Empregabilidade, já deu chance a mais de 1.500 pessoas. Esse é um dos exemplos.

No AfroReggae, não existem pretos, brancos, evangélicos, católicos, umbandistas, gays, lésbicas, travestis, heterossexuais, ex-presidiários ou empresários. No AfroReggae, existe gente, que é vista por seu potencial e por seus princípios. É com esse mesmo espírito que chegamos a São Paulo, em 2013, quando completamos 20 anos. Trazemos na bagagem histórias, experiências e muito mais maturidade do que quando começamos. Há certamente uma diferença muito grande entre o Rio de Janeiro e São Paulo. A conformação da cidade, a cultura, as origens diversas do povo que a escolheu para viver. Justamente por entendermos essa complexidade, não queremos ser protagonistas.

O nosso objetivo é apoiar algumas das milhares de iniciativas bem-sucedidas que já existem em São Paulo e agregar nossa experiência no emprego de tecnologias de transformação social. Em nossa trajetória, a ausência de experiência em alguns momentos foi fundamental para construirmos o nosso caminho sem que estivéssemos presos a "verdades inquestionáveis".

Hoje, conhecemos o caminho. Queremos somar. No campo do trabalho social, dois mais dois é sempre mais do que cinco. Não há inclusão onde não há união. É com gente que o AfroReggae quer mudar o Brasil.

JOSÉ JUNIOR, 44, é fundador do AfroReggae e apresentador do programa "Conexões Urbanas" (canal Multishow). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

Mais barato o livro, maior a inclusão (KARINE PANSA)

EM ARTIGO intitulado "Dados privados, políticas públicas", publicado em 28 de maio nesta seção, Pablo Ortellado e Luciana Lima questionam os dados relativos aos preços do livro no Brasil, constantes de estudo da Fipe (Fundação Instituto Pesquisas Econômicas).

Colocam em dúvida a informação que utilizei em artigo publicado na mesma seção de que o preço médio do livro no Brasil recuou 6,11% nas vendas das editoras ao mercado em 2011. No acumulado entre 2004, quando as editoras tiveram isenção do PIS/Cofins, e 2011, a queda foi de 21,8%. Descontada a inflação, significa decréscimo real de 44,9%. O argumento utilizado por Ortellado e Luciana é o de que os dados para a pesquisa são fornecidos pelas editoras e, portanto, não seriam confiáveis. Ora, além de ninguém poder fazer irresponsavelmente uma acusação grave como essa, há de se considerar que a Fipe, instituição com alta credibilidade, jamais se prestaria a trabalhar com base duvidosa de números.

Questionar isso é uma ofensa a uma organização muito séria e de reconhecida competência. Ademais, no capitalismo democrático e nas nações civilizadas, pesquisas de preços e de faturamento são feitas com os dados do mercado, justamente porque são concretos e os que melhor expressam a realidade. Por outro lado, Ortellado e Luciana também estão equivocados ao misturar dados dos preços ao mercado com os números relativos às compras do governo, no âmbito do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Como aparentemente não dispunham de informações para contestar a pesquisa da Fipe, lançaram mão, em seu exercício retórico, dos números relativos às vendas ao governo. Assim, afirmaram que, nos últimos oito anos, houve variação de "apenas" R\$ 7,50 no preço médio dos livros do PNLD.

Para que Ortellado e Luciana fiquem melhor informados, explico: em meu artigo, deixei muito claro que os números apresentados eram exclusivamente relativos ao mercado, excluindo, portanto, vendas ao governo. E comemoro: que ótimo que a dupla de articulistas reconhece que também caíram os preços médios dos livros que o governo compra para distribuir aos estudantes das escolas públicas! Explicadas essas questões, cabe reafirmar que a queda de preços é um dos fatores que têm estimulado os brasileiros a lerem mais, contribuindo para a inclusão cultural. Tanto assim que as editoras comercializaram 469,5 milhões de livros em 2011, um novo recorde!

Reafirmamos, ainda, que pesquisa Datafolha realizada na Bienal Internacional do Livro de São Paulo em agosto de 2012 corrobora a tendência, inclusive por consumidores de classes de renda menor. Aumentou o número de indivíduos adultos (43% em 2012, contra 38% em 2010) que visitaram o evento pela primeira vez. Cresceu a proporção dos frequentadores da classe C, de 14% para 19%. Dos 750 mil visitantes, 82% compraram, ante 80% em 2010.

Entre as duas bienais, a média aumentou de cinco para seis títulos por pessoa. Os números são claros. Instituições sérias como a Fipe e o Datafolha não podem ser questionadas de modo irresponsável por quem, sabe-se lá o motivo, quer fazer do livro um instrumento de retórica política.

KARINE PANSA, 36, sócia-diretora da Girassol Brasil Edições, é presidente da Câmara Brasileira do Livro. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

Para esclarecer o óbvio (IVES GANDRA DA SILVA MARTINS)

A MEU ver, não haveria necessidade de um projeto de emenda constitucional para assegurar aos delegados de polícia a exclusividade para presidir os inquéritos policiais. Já a têm na Constituição Federal, pois o § 4º do artigo 144 está assim redigido: "Às polícias civis, dirigidas por delegados de polícia de carreira, incumbem, ressalvada a competência da União, as funções de Polícia Judiciária e a apuração de infrações penais, exceto as militares".

O Ministério Público não é polícia judiciária. Tem o direito de requisitar às autoridades policiais diligências investigatórias (artigo 129, inciso VIII), assim como a instauração de inquérito policial aos delegados, que, todavia, serão aqueles que os instaurarão. O exercício do controle externo da atividade policial (inciso VII do artigo 130) de rigor é controle semelhante ao que exerce sobre todos os poderes públicos (inciso II), para que não haja desvios de conduta.

Não há que confundir a relevante função de defesa da sociedade e de zelar pelo bom funcionamento das instituições com aquela de dirigir um inquérito, que é função exclusiva da Polícia Judiciária. À evidência, com o direito de requisição, o Ministério Público pode pedir aos delegados todas as investigações de que precisar, como também o tem o advogado de defesa, que se coloca no inquérito judicial no mesmo plano do Ministério Público. Não sem razão, o constituinte definiu a advocacia e o Ministério Público como "funções essenciais à administração de Justiça" (artigos 127 a 135).

O direito de defesa, a ser exercido pelo advogado, é o mais sagrado direito de uma democracia, direito este inexistente nas ditaduras. Não sem razão, também, o constituinte colocou no inciso LV do art. 5º, como cláusula pétrea, que aos acusados é assegurada a "ampla defesa administrativa e judicial", sendo o adjetivo "ampla" de uma densidade vocabular

inquestionável. Permitir ao Ministério Público que seja, no inquérito policial, parte (acusação) e juiz (condutor da investigação) ao mesmo tempo é reduzir a "ampla defesa" constitucional à sua expressão nenhuma. Se o magistrado, na dúvida, deve absolver (*in dubio pro reo*), o Ministério Público, na dúvida, deve acusar para ver se durante o processo as suas suspeitas são consistentes.

Pelo texto constitucional, portanto, não haveria necessidade de um projeto para explicar o que já está na Constituição. Foi porque, todavia, nos últimos tempos, houve invasões nas competências próprias dos delegados que se propôs um projeto de emenda constitucional para que o óbvio ficasse "incontestavelmente óbvio". Eis por que juristas da expressão do presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, Ivan Sartori, do presidente do Comissão de Ética Pública da Presidência da República, Américo Lacombe, de Márcio Thomaz Bastos, Vicente Greco Filho, José Afonso da Silva, José Roberto Batocchio, Luiz Flávio D'Urso e Marcos da Costa colocaram-se a favor da PEC 37.

Com todo o respeito aos eminentes membros do parquet, parece-me que deveriam concentrar-se nas suas relevantes funções, que já não são poucas nem pequenas. Uma última observação. Num debate de nível, como o que se coloca a respeito da matéria, não me parece que agiu bem o Ministério Público quando intitulou a PEC 37 de "PEC da corrupção e da impunidade", como se todos os membros do Ministério Público fossem incorruptíveis e todos os delegados, corruptos.

Argumento dessa natureza não engrandece a instituição, visto que a Constituição lhe outorgou função essencial, particularmente necessária ao equilíbrio dos Poderes, como o tem a advocacia e o Poder Judiciário, em cujo tripé se fundamenta o ideal de justiça na República brasileira.

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS, 78, advogado, é professor emérito da Universidade Mackenzie, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e da Escola Superior de Guerra. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

A Copa e São Pedro (w. MOREIRA FRANCO)

NAS ÚLTIMAS semanas, passageiros ficaram retidos no aeroporto Santos Dumont, no Rio, depois de alguns fechamentos devido ao mau tempo. Houve protestos. "Imagina na Copa", diziam cartazes improvisados exibidos por um grupo de usuários. Sua mensagem não poderia ser menos sutil: para eles, os aeroportos brasileiros não funcionam bem e vão ficar ainda piores no Mundial de 2014.

O recado é de causar preocupação em qualquer gestor público. Eu mesmo não sei se teria encarado os acontecimentos com o mesmo estoicismo e bom humor. A mensagem, porém, precisa ser bem analisada para que a crítica faça sentido. De um lado, há a situação atual da infraestrutura aeroportuária, sabidamente insatisfatória. De outro, há vicissitudes climatológicas e geográficas nas quais a capacidade de intervenção do poder público, como se sabe, é limitada. Nem sempre os passageiros podem contar com São Pedro. O aeroporto O'Hare, em Chicago, por exemplo, costuma fechar devido a nevascas. O Afonso Pena, em Curitiba, por causa da neblina. No Rio, os períodos de interrupção pelo clima são relativamente poucos: apenas 0,34% do tempo de operação.

Evidentemente, não dá para comparar Chicago com o Rio em conforto e na agilidade. Pior ainda, com o aumento dos eventos climáticos extremos, o quadro tende a se agravar. Uma forma de mitigar o problema é uma gestão adequada nos aeroportos e planos de contingência. Outra é equipá-los com sistemas de pouso por instrumentos, conhecidos como ILS. Existem três grandes categorias de ILS. A categoria 3, instalada em alguns aeroportos dos EUA e da Europa, permite o pouso em condições de visibilidade e teto praticamente nulas. Porém, exige largura de pista e condições de entorno que simplesmente não existem em aeroportos como o Santos Dumont, espremido entre o movimento dos navios na baía da Guanabara, as montanhas e os arranha-céus.

O aeroporto de Guarulhos já está recebendo o sistema mais moderno - que exigirá, por sua vez, um esforço de adequação das companhias aéreas. O Santos Dumont demanda mais visibilidade. Portanto, está fadado a permanecer com o ILS categoria 1. Se o céu cair ele vai fechar, mesmo em dia de jogo da Copa. O governo intervém ativamente. Essa é, afinal, uma das razões pelas quais a Secretaria de Aviação Civil foi criada. Serão investidos até a Copa R\$ 8,5 bilhões nos grandes aeroportos, sendo R\$ 4,9 bilhões pelo governo no PAC-2, que tem 23 aeroportos. Outros R\$ 3,6 bilhões estão sendo investidos pela iniciativa privada nos aeroportos concedidos em 2012 -Guarulhos, Viracopos, Brasília e São Gonçalo do Amarante (RN).

Lançamos um programa de estímulo à aviação regional, de R\$ 7,3 bilhões, que inclui 270 aeroportos. A capacidade de passageiros dos 15 principais aeroportos do país crescerá 41% após essas reformas. É importante lembrar que a capacidade do governo de mobilizar recursos para investimentos dessa monta é recente: o país passou muitos anos, da crise da dívida de 1982 até o segundo governo Lula, sem dinheiro para gastar. Isso criou excesso de burocracia para barrar os gastos. Empresas fecharam, engenheiros migraram para o mercado financeiro. Como resultado, alguns projetos hoje são feitos por empresas que não têm massa crítica para garantir sua qualidade. Precisam ser refeitos, e isso atrasa as obras.

Se quisermos uma infraestrutura aeroportuária à altura do que o nosso cliente -o contribuinte- merece e paga impostos para ter, precisamos do melhor da engenharia e da arquitetura. Isso custa caro. Os preços praticados pela Infraero estão abaixo do valor de mercado. Estamos conversando com o Tribunal de Contas da União para solucionar a questão. Gastar não é pecado.

Aos passageiros retidos no Santos Dumont, peço desculpas pelo transtorno e reafirmo: nosso poder de negociação com São Pedro é baixo. Porém, a melhoria dos aeroportos é um desafio que o governo está enfrentando e confia em que resolverá.

W. MOREIRA FRANCO, 69, sociólogo, é ministro da Aviação Civil. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO**, Junho de 2013.

Guerra às drogas: quando o remédio é pior do que a doença (LUÍS BRASILINO e FLÁVIO LOBO)

No Brasil, a superlotação das cadeias não pode ser separada da visão proibicionista e punitiva da justiça criminal com relação às drogas. Nos EUA, um terço dos presos cumpre penas relacionadas ao uso de substâncias ilegais. Para Ethan Nadelmann, a guerra às drogas gera mais problemas do que as drogas em si



(As fotos da cobertura sobre as prisões foram tiradas no Instituto Penal Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, e fazem parte do ensaio "O Caldeirão do Diabo", de Andre Cypriano)

EHAN Nadelmann é fundador e diretor executivo da Drug Policy Alliance, organização não governamental sediada nos Estados Unidos que se dedica à promoção de alternativas à chamada "guerra às drogas". Defensor de políticas que passam pela descriminalização e regulação das drogas atualmente ilícitas, Nadelmann foi um dos estrategistas das campanhas em favor da legalização do uso recreativo da maconha que conquistaram vitórias históricas, em novembro de 2012, em referendos realizados nos estados de Washington e Colorado.

Em maio, numa rápida visita ao Brasil, Nadelmann apresentou, em Brasília, uma das palestras mais aguardadas no Congresso Internacional sobre Drogas 2013. Depois de narrar os avanços em curso em vários estados norte-americanos, ele alertou para os riscos de retrocesso representados por um projeto de lei (PL) em tramitação no Congresso brasileiro. Na visão dele, se transformado em lei, o PL n. 7.663/2010, que se propõe a enfrentar a questão das drogas com internações forçadas para dependentes e aumento de penas de prisão para traficantes, não trará os resultados prometidos e agravará os problemas.

Duas semanas depois de Nadelmann ter concedido esta entrevista ao *Le Monde Diplomatique Brasil*, o PL, de autoria do deputado Osmar Terra (PMDB-RS), foi votado e aprovado na Câmara. Enquanto prossegue a tramitação, que ainda

depende da aprovação do Senado, as informações, análises e alternativas expostas nestas páginas podem ajudar a esclarecer um tema vital, frequentemente obscurecido por desconhecimento e preconceito.

DIPLOMATIQUE – Por que você defende o fim da guerra às drogas?

ETHAN NADELMANN – A política atual para as drogas, a guerra às drogas, está claramente fazendo mais mal do que bem. E ao mesmo tempo não consegue atingir seu objetivo central: reduzir os malefícios das drogas em nossa sociedade. Como norte-americano, há em nossa história a experiência das pessoas sendo convencidas por argumentos sobre moralidade, proteção das crianças e benefícios econômicos... e decidindo proibir o álcool. Essa experiência se provou malsucedida na redução dos problemas com as bebidas, mas incrivelmente bem-sucedida em fortalecer o crime organizado, aumentar a violência, a corrupção, o desrespeito à lei, as violações de liberdades civis, de direitos humanos, o sobre-encarceramento e a dispersão das forças policiais. E tornando o álcool mais perigoso, porque as drogas produzidas ilegalmente assim o são. Atualmente, vemos que um número tremendo de pessoas continua usando drogas ilegais. Há tantos consumidores quanto há cem anos, quando não tínhamos um sistema global de proibição. E vemos violência, crime, corrupção, mercado negro, violações de liberdades civis e direitos humanos e altos níveis de encarceramento. Nos Estados Unidos, 2,3 milhões de pessoas estão atrás das grades, das quais 500 mil especificamente por violar a lei de drogas, e outras centenas de milhares por violações de condicional relacionadas ao uso, por roubar para sustentar o consumo e por violência ligada às drogas. É mais de um terço da população carcerária total. Os Estados Unidos têm menos de 5% da população mundial e quase 25% dos presos. Somos o primeiro no mundo em cidadãos encarcerados *per capita*. Mas nem sempre foi assim. Há quarenta anos, as taxas de encarceramento eram mais próximas da média mundial. Em 1980, tínhamos 500 mil pessoas atrás das grades, 50 mil por violação à lei de drogas. Agora, vindo ao Brasil, vejo que o país está a ponto de decidir que parte da política deve ser prender infratores da lei de drogas não violentos, cuja única violação é portar, consumir ou vender uma pequena quantidade para outro adulto. E vocês vão encher suas prisões, que já são superlotadas... Ver o Brasil seguir os passos dos Estados Unidos parece loucura.

DIPLOMATIQUE – Quais são os principais danos gerados pela política de guerra às drogas?

NADELMANN – Há três diferentes formas de ver os estragos. Na América Latina, Caribe, oeste da África e em partes da Ásia, a principal questão é a violência, a corrupção e o fortalecimento do crime organizado. O segundo problema é a aids. Em partes da Ásia, em algumas cidades dos Estados Unidos, na ex-União Soviética e na Europa oriental, o principal fator de transmissão da doença é o compartilhamento de seringas infectadas e depois a contaminação dos parceiros sexuais e das crianças. Isso é responsabilidade quase exclusiva da proibição. Inclusive, é a razão para a política de drogas estar mudando um pouco na Ásia. Indonésia, Malásia, China, Vietnã e Irã têm programas de trocas de agulhas para impedir o [contágio por] HIV. A terceira consequência, especialmente nos Estados Unidos, é o sobre-encarceramento, do ponto de vista dos direitos humanos, e o alto custo. Gastamos entre US\$ 50 bilhões e US\$ 100 bilhões por ano na guerra às drogas. Mas será que, apesar desses danos, a política atual está tendo sucesso na redução do uso de drogas? Bom, sabemos que quando você torna algo ilegal o uso é reduzido. Portanto, há um benefício da proibição nisso. O problema é que, para as pessoas que usam drogas, é muito mais perigoso. Elas precisam comprar no mercado negro, de criminosos, pagam mais caro, e as drogas em si são mais perigosas.

DIPLOMATIQUE – O que sustenta a ideologia da guerra às drogas?

NADELMANN – Se pedirmos ao público para colocar as drogas em uma escala de periculosidade, eles vão pôr álcool e tabaco embaixo, depois as drogas farmacêuticas e no topo maconha, cocaína e heroína. Para um cientista, seria tabaco e álcool no topo, drogas farmacêuticas no meio e a maconha embaixo. Há muita diferença, e isso se deve à falta de conhecimento do público. Álcool e tabaco são conhecidos, por isso não despertam tanto temor. Nos Estados Unidos, graças ao aumento desse conhecimento, a mudança da opinião pública com relação à maconha vem sendo impressionante. Em 2006, 36% eram a favor da legalização da maconha e 60% eram contra. Em 2012, 50% passaram a ser a favor e 46% contra. Em cinco anos! Há muitas razões para isso ter acontecido. A principal é geracional. Há trinta anos, os mais velhos não sabiam a diferença entre maconha e heroína. Agora, se você tem 65 anos, há 50% de chance de que você tenha fumado maconha. Além disso, muitos políticos, juízes etc. já dizem: "É, eu fumei quando jovem". E temos três presidentes em sequência... Clinton, que disse que não tragou; Bush, que nega, mas foi dedurado por um amigo; e Obama, que, perguntado se havia tragado, respondeu: "Claro, não é esse o ponto?". Isso muda a discussão. Além disso, as pessoas estão se familiarizando com o fato de que, nos Estados Unidos, há quase 2 milhões de pacientes usando a maconha para fins medicinais. A mídia, que sempre apontava o adolescente que fugia da escola como o fumante de maconha, começou a apresentar o idoso doente, pacientes de câncer... Nos anos seguintes a 1996, data que marcou o início do processo de liberação do uso medicinal da maconha no país, graças a uma lei estadual aprovada na Califórnia, todo programa de televisão teve um episódio sobre o assunto. Estava almoçando com um amigo hoje e ele me perguntou: "Você consegue imaginar um fumante de maconha na novela [do Brasil], um personagem simpático, uma mãe, uma avó, que, doente, é convencida pelo filho a fumar? E então ela volta a poder comer novamente, se sentir melhor...?". Isso teria um impacto enorme, e foi o que aconteceu nos Estados Unidos.

DIPLOMATIQUE – Qual é sua opinião sobre as campanhas para legalizar o consumo, mas não o tráfico?

NADELMANN – De uma perspectiva intelectual há algo inconsistente nisso. Mas de uma perspectiva política e social é essencial. Existem defensores da guerra às drogas e da legalização total que dizem: a pior coisa é a política inconsistente, que descriminaliza o consumidor e criminaliza o tráfico. Minha resposta é: melhor uma política inconsistente, mas mais humana. Além disso, a política atual me parece imoral para aquele cuja única violação é possuir ou consumir a droga. Ele tem sua liberdade retirada somente por causa de algo que colocou em seu corpo, mesmo sem ferir outra pessoa.

DIPLOMATIQUE – Como foi a estratégia da campanha nos referendos realizados em 2012 que liberaram a maconha em Washington e no Colorado?

NADELMANN – Antes de apresentar a iniciativa do referendo, fizemos pesquisa de opinião pública. Começamos vendo se a maioria era a favor. E olhamos bem de perto: fortemente a favor, mais a favor do que contra... O assunto seguinte é: o que o público pensa sobre isso. Quais são os argumentos, e até mesmo quais são as palavras. Devemos dizer cultivar ou plantar? É melhor falar que vai ser como cigarro ou como álcool? Se permitirmos que as pessoas cultivem plantas em casa, isso precisa ser privado? No Colorado, por exemplo, o público via o plantio como a nudez em público. OK fazer na privacidade de casa, mas não quero que minha criança olhe pela janela no quintal e veja você pelado ou cultivando maconha... O próximo passo é, sabendo que ao se aproximar o dia da eleição as pessoas ficam com medo da mudança, descobrir qual é nosso argumento mais poderoso. E este é quase sempre o mesmo. A defesa da liberdade individual não funciona muito bem. Os dois elementos mais fortes são: queremos que a polícia se concentre em crimes de verdade e gostamos da ideia de que o governo pode gastar menos dinheiro tentando combater as drogas e arrecadar dinheiro taxando-as. Relacionado a isso também há o argumento: vamos tirar o poder dos criminosos. A seguir, a questão é: quem é o porta-voz mais eficaz? Normalmente se pensa no chefe de polícia aposentado. Mas às vezes é só uma mãe de classe média dizendo: "Sabem, me preocupo com meu filho usando maconha, mas não vejo a lei funcionando e acho que a gente apenas precisa tentar uma abordagem diferente". Em Washington, isso foi muito eficiente.

DIPLOMATIQUE – Essa luta contra a guerra às drogas vai ser longa, não é?

NADELMANN – Sabia quando comecei que esse era um esforço multigeracional. Nos Estados Unidos, o movimento pela reforma da política de drogas, em 2013, está na mesma posição histórica do movimento gay nos anos 1980, do movimento dos direitos civis nos anos 1960, do movimento das mulheres nos anos 1910 ou do movimento abolicionista nos anos 1850. O público continua amedrontado e desinformado.

DIPLOMATIQUE – O que você pode dizer sobre a legalização de outras drogas além da maconha?

NADELMANN – Imagino todas as drogas e os modos de tratá-las ao longo de um espectro, que vai da modalidade mais punitiva, como em Cingapura e na Arábia Saudita, para as políticas de mercado mais aberto, como eram os cigarros nos anos 1960. O que temos de fazer é, por um lado, com as drogas ilegais, caminhar para o centro do espectro, reduzindo as partes punitivas da lei. Por outro, com álcool e tabaco, começar a aumentar os impostos, as regulações e as restrições, e a fazer campanhas contra o uso. O esforço é para estabelecer uma política regulatória de saúde pública para reduzir os impactos negativos das drogas, sem introduzir o mercado negro e os criminosos. Portanto, uma reforma da política de drogas deve tentar trazer as duas pontas desse espectro o mais próximo possível. Não acho que legalizar todas as drogas seja a melhor política. O melhor é reduzir os estragos provocados por elas (doenças, vício, morte e crime) e os danos gerados pelas políticas proibicionistas: crime organizado, corrupção, violência, superlotação de cadeias... O modelo ideal está em algum lugar no meio, entre a política reguladora, como hoje é com álcool e tabaco, e uma política proibicionista que respeita os direitos humanos, com foco na saúde pública e que, ainda que as mantenha ilegais, não signifique mais uma guerra às drogas. Com a maconha, está claro que o melhor é a legalização com uma política regulatória, como são os cigarros hoje. Porém, não digo que devemos vender heroína ou cocaína como álcool ou cigarros. Do ponto de vista intelectual, é um argumento muito interessante, porque é bom pensar na legalização de todas as drogas. Isso ajuda a entender quanto nossos problemas são resultado das políticas proibicionistas, e não das drogas em si. É um erro ficar focado na legalização e ignorar todas as opções que estão no meio. Por quê? Primeiro, porque politicamente não há nenhum apoio para isso em nenhum país. Segundo, porque não sabemos se legalizar todas as drogas acarretaria um aumento dramático no vício. Não sabemos. Mas não importa, porque isso não vai acontecer mesmo, vai ser passo a passo. O que isso significa em termos concretos? Basicamente, penso que a próxima geração vai ver três processos. O primeiro é a regulação da maconha legalizada, removendo-a do sistema criminal. O segundo é o que podemos chamar do modelo português: terminar com a criminalização da posse de pequenas quantidades de drogas, comprometendo-se com o tratamento do vício como um assunto de saúde. Quando você para de criminalizar a posse, o número de usuários não sobe nem desce. Mas caem os crimes, as prisões, as overdoses, a corrupção... O terceiro processo – esse é o mais difícil – é tentar, para as pessoas que estão absolutamente determinadas a comprar suas drogas, encontrar uma forma de que elas possam obtê-las de uma fonte legal. A Suíça começou a adotar esse modelo há vinte anos. Lá, os viciados em heroína ouviram do Estado: "Bom, se você é viciado e tentou de tudo, pode vir a uma clínica até três vezes por dia e obter heroína pura". Nesses lugares, eles também encontram serviços médicos e ajuda para conseguir um emprego. E teve muito sucesso. Alemanha, Holanda, Dinamarca e Inglaterra agora têm uma política similar. É só um pequeno número de pessoas. Mas elas param de ser presas, de se envolver em crimes, sua saúde melhora e a vida se estabiliza. Essa é a próxima fronteira. Se formos bem-sucedidos nessas três partes, vamos continuar tendo um problema de drogas, mas será bem pequeno.

DIPLOMATIQUE – Qual é sua sugestão para os ativistas contra a guerra às drogas no Brasil?

NADELMANN – A primeira coisa é lembrar que é uma luta de longo prazo e, então, você precisa de uma estratégia de longo prazo. Por exemplo, se seu Congresso aprovar essa lei terrível, isso será um retrocesso, mas não é o fim, é um recuo, e todo retrocesso apresenta novas oportunidades e novos aliados. Também é preciso ser sofisticado na argumentação. Se você for usuário de maconha, seja um consumidor responsável. É preciso despertar empatia. Você precisa estar disponível para se pôr no lugar de outro ser humano, do policial, do pai ou do legislador assustado. E é preciso saber que, nos últimos quarenta anos, o mundo como um todo está se movendo em uma nova direção

LUÍS BRASILINO é Jornalista. Editor do Le Monde Diplomatique Brasil. **FLÁVIO LOBO** é Jornalista, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e consultor na área de comunicação. Ilustração: Andre Cypriano. **Revista LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, Junho de 2013.**

A reação de fãs assistindo ao último episódio de Game of Thrones (JADER PIRES)



Reações inusitadas de fãs em todo mundo ao assistir o nono episódio da 3ª temporada da série britânica Game of Thrones

ENGRAÇADO ver como as pessoas estão exacerbadamente acostumadas com o maniqueísmo nas histórias de ficção. É um trauma conceber a ideia de que quem é honrado e sincero pode ter um fim tão ou mais imbecil quanto qualquer vilão pastelão. Por que George R. R. Martin escreveu o Casamento Vermelho? Segue abaixo a íntegra da bela entrevista publicada pelo Entertainment Weekly, conforme traduzida pelo Game of Thrones Brasil – ótimo para os fanáticos pela série.

EW: Em que momento do processo de escrita dos livros você soube que mataria Robb e Catelyn?

GEORGE: Eu sabia desde o início. Não no primeiro dia, mas muito cedo. Eu já disse em várias entrevistas que eu gosto que minha ficção seja imprevisível. Eu gosto que haja um suspense considerável. Eu matei Ned no primeiro livro e isso chocou muita gente. Eu matei Ned porque todo mundo acha que ele é o herói, e que com certeza ele vai entrar em apuros mas em seguida sairá dessa. A próxima coisa previsível é pensar que seu filho mais velho vai se rebelar e vingar o pai. Todo mundo espera isso. Então, imediatamente o assassinato de Robb tornou-se a próxima coisa que eu tinha que fazer.

EW: Já que A Song of Ice and Fire subverte tantas vezes as expectativas do leitor e evita estruturas narrativas de fantasia tradicionais, os fãs devem ter alguma esperança real de que esta história terá um final feliz? Como o “Boy” disse recentemente em Thrones: “Se você acha que isso terá um final feliz, você não deve estar prestando atenção.”

GEORGE: Eu já disse várias vezes que eu pretendo fazer um final agridoce.

EW: Que tipo de reações você recebeu dos leitores ao longo dos anos sobre essa cena?

GEORGE: Extremas. Tanto positivas como negativas. Essa foi a cena mais difícil que já tive que escrever. Fica em dois terços na narrativa do livro, mas eu pulei ela quando tive que escrevê-la. Então o livro todo estava pronto, mas ainda faltava esse capítulo. Daí eu o escrevi. Foi como matar dois filhos meus. Eu tento fazer o leitor sentir que vivo os acontecimentos do livro. Assim como você se lamenta se um amigo está morto, você deve se lamentar se um personagem fictício é morto. Você deve se preocupar. Se alguém morre e você só ir buscar mais pipoca, é uma experiência superficial, não é?

EW: Por que você acha que gerou uma reação tão poderosa? Robb não era um de seus "personagens com ponto de vista" nos livros, e Catelyn não era realmente uma personagem amada.

GEORGE: [Longa pausa] É uma pergunta interessante. Eu não sei se eu tenho uma boa resposta. Talvez a maneira que eu fiz. Há uma certa quantidade de mau agouro que leva essa história. É uma traição. É numa festa de casamento. Robb trabalhou pela paz e você acha que o pior já passou. Em seguida, isso surge do nada. Há também personagens secundários mortos. Em seguida, centenas de juramentados Stark são mortos. Não são apenas duas pessoas.



EW: Para mim, o fato de Robb e Catelyn serem uma família torna tudo pior. E Catelyn sofreu tanto e perdeu tantas pessoas ao redor dela, e ela realmente acha que perdeu mais do que ela realmente tem (já que ela não tem certeza de que Arya, Bran e Rickon estão vivos). E então, isso acontece.

GEORGE: Ela também tem o momento de advogar. A vemos matando um refém. Ele não é um filho que o Frey valoriza particularmente*. Então, no final o blefe dela é vazio. E ela o faz. Ela vai até o fim. Há um certo poder nisso também. [*na série mudaram o filho Frey para a esposa]

EW: Eu tenho certeza que eu sei a resposta para isso, mas: alguma vez você já se arrependeu da cena?

GEORGE: Não, não como escritor. É provavelmente a cena mais poderosa nos livros. Custou-me alguns leitores, mas me ganhou muitos mais. Vai ser difícil para mim assistir a isso [na série]. Será uma noite difícil. Porque eu amo esses personagens também. E em um programa de TV que você começa a conhecer os atores, você também está terminando o relacionamento com um ator que você tem afeição. Richard Madden e Michelle Fairley fizeram um trabalho incrível.

EW: O que você diria para os leitores que estão chateados com a cena?

GEORGE: Depende do que eles estão dizendo. O que você pode dizer a alguém que diz que nunca vai ler o seu livro novamente? As pessoas lêem livros por diferentes razões. Eu respeito isso. Alguns lêem para o conforto. E alguns dos meus ex-leitores disseram que sua vida é dura, sua mãe está doente, seu cachorro morreu, e eles lêem ficção para fugir. Eles não querem ser atingidos na boca por algo horrível. Quando se lê um certo tipo de ficção, onde o cara vai sempre ficar com a garota e os mocinhos vencem no fim, isso reafirma a você que a vida é justa. Nós todos queremos isso às vezes. Há um certo desprendimento do sofrimento nisso. Então eu não desprezo as pessoas que buscam isso. Mas isso não é o tipo de ficção que eu escrevo, na maioria dos casos. Certamente não é o que Ice and Fire é, que tenta ser mais realista sobre o que é a vida. Ele tem alegria, mas também tem dor e medo. Acho que a melhor ficção captura a vida em toda a sua luz e trevas.

EW: Um dos meus elementos favoritos da cena é você apresentar essa ideia do “sal e pão.” – Nós aceitamos isso como leitores – ok neste mundo de fantasia as pessoas não prejudicam-se, uma vez elas que comem o pão e sal de um anfitrião. E então você quebra a sua própria regra. É como se estivesse batendo na cabeça do leitor por ser tão dura – “É claro que eles não vão seguir essa regra boba o tempo todo”.

GEORGE: Roubei isso da História. Leis de hospitalidade eram reais na sociedade da Idade das Trevas. Um anfitrião e convidado não estão autorizados a prejudicar uns aos outros, mesmo que fossem inimigos. Ao violar essa lei, a frase é “estão para sempre condenados”

EW: E sobre o Casamento Vermelho em si? É com base em História também?

GEORGE: O casamento vermelho é baseado em um par de eventos reais da história escocesa. Um deles era um caso chamado The Black Dinner. O rei da Escócia estava lutando contra o clã Black Douglas. Ele estendeu a mão para fazer a paz. Ele ofereceu ao jovem conde de Douglas passagem segura. Ele veio para o Castelo de Edimburgo e teve uma grande festa. Então, no final da festa, [os homens do rei] começaram a bater em um único tambor. Eles trouxeram um prato coberto e colocaram na frente de Earl e revelaram que era a cabeça de um javali negro – o símbolo da morte. E assim que ele viu, ele sabia o que significava. E então eles os arrastaram para o pátio, para morrer. O maior exemplo foi o massacre de Glencoe. O clã MacDonald passou a noite com o clã Campbell, com as leis da hospitalidade supostamente aplicadas. Mas os Campbells levantaram-se e massacraram todos os MacDonald que poderiam ter em suas mãos. Não importa o que eu invente, há coisas na história que são tão ruins quanto, ou até piores.

Hoje acaba a terceira temporada de Game of Thrones. Agora é chutar quem vai sobrar nessa brincadeira.

JADER PIRES é editor do Papo de Homem. Publicitário por opção, jornalista por apego e escritor por maldição. Prometeu um dia que, se ganhasse na loteria, doaria cem reais para caridade (e não há cristo que o faça pensar o contrário). **Magazine online PAPO DE HOMEM** (<http://papodehomem.com.br>), **Junho DE 2013.**



Lucas Rocha